

*As atividades corporais e espor-tivas e a
visibilidade das mulheres na sociedade
brasileira do início deste século*

Silvana Vilodre Goellner*



Resumo

Este texto diz sobre a história da Educação Física e dos esportes. Diz, mais particularmente, sobre as práticas corporais e esportivas e a visibilidade do corpo Feminino no espaço público do início deste século. Diz de algumas modificações políticas, econômicas e culturais da sociedade brasileira deste tempo, cujas conseqüências, ao mesmo tempo que possibilitam a exibição do corpo feminino promovem, também, estratégias para seu ocultamento. Através de uma abordagem histórica, o texto busca mostrar a primeira iniciativa de participação das mulheres na prática de atividades esportivas e como, gradativamente, essa prática foi-se ampliando e modificando.

Abstract

This text is about the history of Physical Education and sports. More specifically, it refers to the corporal and sportive practices, as well as to the visibility of the feminine body in the public space at the beginning of this century. It discloses some political, economical and cultural modifications in the Brazilian society at that period, which had the consequence of making permissible the exhibition of the feminine body, while, at the same time, promoting strategies for its hiding. Under an historical research, this text intent to show the first initiative of women to participate in the practice of sports and how this practice began gradually to grow and change.

Nos primeiros anos deste século, o Brasil desperta ansioso por civilizar-se. O desenvolvimento industrial, as novas tecnologias, a urbanização das cidades, a mão-de-obra imigrante, o fortalecimento do Estado, as manifestações operárias e os movimentos grevistas formam o tecido das novas demandas sociais, onde se embrenham valores conservadores e revolucionários que ora circulam entre a legitimação do já instituído, ora procuram a experimentação de novas possibilidades culturais.

Transforma-se também o mundo ocidental. A Primeira Guerra acabara de abalar seus alicerces: "capitalista na economia, liberal na estrutura legal e constitucional, burguês na imagem de sua classe hegemônica característica e exultante com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com o crescimento material e moral".¹

A Europa desaba como referência geopolítica, modificando sua relação com muitos dos países com os quais mantinha acordos comerciais, dentre os quais o Brasil. Este se vê instigado a investir na construção e consolidação de uma política econômica dire-

cionada para o aumento e diversificação do setor industrial, na medida em que haveria de produzir o que antes era importado.

Nesses primeiros anos, em duas cidades brasileiras, sopram os ventos da modernidade: São Paulo e Rio de Janeiro agitam-se frente a inevitável metropolização, cujo ritmo frenético faz pulsar todos os espaços de circulação pública. Redesenha-se o espaço urbano: escavadeiras e marretas esfacelam paredes, às vezes, centenárias; casas, cortiços e pardieiros vão sendo derrubados deslocando para o subúrbio o grosso da população trabalhadora que habita as ruas e vielas do centro; as ruas cobrem-se de asfalto, as largas avenidas surgem e logo são enfeitadas com postes de ferro trabalhado compondo um belíssimo cenário para a construção dos edifícios que verticalizam a cidade.

A esse ordenamento corresponde um outro olhar sobre a energia física dos indivíduos urbanos, observada como potencializadora de um gesto eficiente capaz de produzir mais e com maior rapidez. Aliada à expectativa do crescimento econômico, a educação do corpo é reconhecida como essencial ao

desenvolvimento e fortalecimento da nação. Idéia recorrente na recém-criada coluna esportiva de um dos jornais de maior circulação em São Paulo: O "agulhão das necessidades econômicas, as lutas armadas nos campos de batalha e combates pacíficos no terreno do comércio colocam inexoravelmente os governos na contingência de ligarem a máxima importância possível ao grave problema da aptidão dos seus governados e, principalmente, de sua eficiência na luta universal assim estabelecida".²

O indivíduo, tal como a cidade, vê seu ritmo acelerado pelos progressos da ciência que, através de seus conhecimentos, técnicas e métodos dinamiza a eclosão de duas energias: a do corpo individual e a do corpo social. Enquanto sinônimo de progresso, a parafernália tecnológica modifica definitivamente a relação do indivíduo com a cidade num só tempo em que o mobiliza para gastar e para repor suas energias.

A cada dia as ruas exibem novidades convocando a população para desfrutar de seus prazeres: as máquinas se diversificam e progressivamente tomam-se mais audaciosas. Os automóveis, aviões, navios e barcos, a motocicleta, os dirigíveis, a vitrola moderna que substituiu o gramofone e a luz elétrica que se torna mais potente desvelando as noites urbanas.

As duas primeiras décadas do século sublinham um novo estilo de vida: pública, coletiva, eufórica e as ofertas de diversão abraçam homens e mulheres redimensionando seus hábitos e suas práticas cotidianas, acrescidas de inúmeras outras possibilidades:

"esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, shoppings, desfiles de moda, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo, de cavalos, de bicicleta, de motocicletas, de carros, de aviões, tiros-de-guerra, marchas, acampamentos, manobras, parques de diversões, boliches, patinação, passeios e corridas de barco, natação, saltos ornamentais, massagens, saunas, ginástica sueca, ginástica olímpica, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas principais praças da cidade".³

O alvoroço dessas mudanças culturais

pulveriza, nas cidades, diversas formas de expressão e comunicação. O mundo da imagem, ora circunscrito a determinados círculos sociais, democratiza-se nos espaços públicos. A fotografia, o cinema, as revistas, os almanaques, as charges, a caricatura e a publicidade registram o cotidiano, criam representações, vendem produtos, exibem corpos, enaltecem heróis/heroínas e desenham identidades visuais.

As práticas corporais e esportivas presentificam-se como uma acessível opção de divertimento. Proliferam, nos dois centros urbanos, os clubes recreativos, as agremiações, as federações, os campeonatos, as regatas, as travessias, as demonstrações atléticas, os clubes de ginástica, os certames esportivos, os parques de lazer, os campos de futebol, os estádios ao mesmo tempo que multiplicaram-se os espectadores e os participantes. Como manifestação urbana em franca expansão, o esporte recheia com entusiasmo as horas de lazer imprimindo nas cidades a imagem do espetáculo.

A proliferação dos eventos esportivos e das modalidades esportivas aguçam a curiosidade das pessoas que se observam constantemente desafiadas pelas novas possibilidades de testar seus próprios limites. Essa diversidade, associada à excitação causada pelo novo, faz com que o jornal *A Gazeta da Noite* realize, em 1912, uma enquete junto aos cariocas para identificar os esportes considerados mais difíceis de serem praticados. Dentre os conhecidos pelo público são mencionados: o futebol, a luta greco-romana, o alpinismo, a aviação, a esgrima, o náutico, a ginástica de aparelhos, a equitação, o jiu-jitsu, a pelota, a patinação, o boxe, a pesca, o bilhar, o turfê, o tiro ao alvo e o pólo.⁴

Dado seu caráter aventureiro e apaixonante, as competições arregimentam pessoas de todos os bairros, de todas as raças, de todos os gêneros, de todas as idades, de todas as classes sociais, promovendo o confronto e o encontro das partes. Por certo, a prática esportiva não se constitui novidade, mas é nesses anos que ela se torna mais visível porque incentivada e porque representativa de uma sociedade que, para se coroar, prescinde tanto da liberação como da canalização produtiva de um gesto educado.

Ao analisar o significado do esporte na

sociedade industrial, Norbert Elias e Eric Dunning afirmam que este, como opção de divertimento, atende a uma perspectiva social que cumpre, a este respeito, uma função de destruição da rotina. Como propulsores desse interesse pelo esporte e o conseqüente aumento de seu significado social, os autores identificam três aspectos inter-relacionados: 1) o desenvolvimento do esporte como um dos principais meios de criação de excitação agradável; 2) a transformação do esporte, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva; 3) a emergência do esporte como fonte decisiva de sentidos na vida de muitas pessoas.⁵

Por promoverem o despertar socialmente consentido das emoções em público, os eventos esportivos mobilizam as pessoas fazendo explodir o frenesi, a violência, o congestionamento, a rivalidade, o êxtase ante a expressão de tanta vitalidade. Espetáculos cada vez mais fascinantes fazem vibrar a alma das cidades no exato momento em que vivificam a tensão entre a liberação e o controle de emoções individuais.

O *Estado de São Paulo*, atento a essa manifestação urbana, registra com entusiasmo seu desenvolvimento:

"Nesse ano de 1919, os esportes estão tomando um desenvolvimento verdadeiramente espantoso, a tal ponto rápido, brilhante e seguro, que os mais otimistas não o poderiam ter suspeitado. Dia-a-dia aparecem melhoramentos ou surgem iniciativas. Generaliza-se e intensifica-se a prática das atividades físicas já conhecidas e aparecem e se desdobram oportunidades para a adoção e a prosperidade entre nós, de esportes que de nome mal conhecíamos. Uma enumeração de todas as fases desse belo movimento de energias não caberia aqui e não é nosso intuito fazê-lo agora. Desejamos é que tão magnífico surto de progresso não morra e não esmoreça".⁶

Esta empolgação, aliada às notícias chegadas do exterior sobre a realização das Olimpíadas Modernas, são responsáveis pelas primeiras incursões brasileiras no mundo esportivo internacional. O Brasil, ansioso por tomar parte do espetáculo faz sua estréia olímpica em 1920, na Antuérpia, quando participa em algumas provas de natação, remo, pólo aquático, saltos ornamentais e tiro ao alvo. Com uma delegação formada eminentemente por

militares, conquista três medalhas, sendo uma de ouro, obtida pelo tenente Guilherme Paraense na prova de pistola tiro rápido.

A composição da nossa delegação coloca às claras que, nesse tempo, não há ainda um sistema esportivo organizado no país e nossa participação é mais estratégica do que representativa dos talentos esportivos nacionais. Os jogos da Antuérpia são os primeiros a acontecer depois da guerra, e os atletas, na sua maioria, são ativos nas corporações militares estendendo para o campo esportivo o espírito aguerrido com que disputaram as batalhas, cuja vitória era sinônimo de prestígio individual e de soberania moral e cívica do Estado Nacional que representam.

A expansão do fenômeno esportivo pode ser identificado com um dos motivos pelos quais foi possível participarmos dos Jogos Olímpicos de 1924. Não foi o Estado constituído, nem as Forças Armadas nem a Confederação Brasileira de Desportos - criada em 1914 - que garantiu a viagem de nossos atletas. Foi o imprevisto de uns cidadãos e o entusiasmo de outros que conseguiu reverter até mesmo a comunicação feita pela própria Confederação Brasileira de Desportos ao Comitê Olímpico Internacional noticiando a desistência do Brasil em participar dos jogos.

Impulsionados por uma atitude esportiva e pela idéia da confraternização universal, o sedutor lema olímpico reverberou junto a alguns paulistas aficionados pelo esporte que, arremetidos por um rompante de indignação e vontade organizaram um movimento pró-olímpico na tentativa de recolher recursos para enviar uma pequena delegação a Paris.

Esse espírito entusiasta e pioneiro não se mantém por longo tempo. Na Olimpíada de 1928, realizada em Amsterdã, não houve rixa, esforço, indignação ou entusiasmo suficiente para garantir a presença brasileira. Não fomos porque não havia verbas. É somente em 1932 que ressuscita a participação brasileira neste evento esportivo. Nesse momento, são outros os tempos e são outras as representações do esporte.

Na tarde do dia 26 de junho de 1932, uma delegação de 82 atletas embarca à bordo do cargueiro Itaquicê rumo a Los Angeles,

carregando na bagagem 55.000 sacas de café a serem vendidas nos portos estrangeiros, garantindo a aventura. Mesmo que as condições ofertadas à nossa representação em termos de infra-estrutura tenham sido paupérrimas, a participação nessa Olimpíada representa um marco no esporte nacional: organizada pela Confederação Brasileira de Desportos, foi reconhecida oficialmente pelo Governo Provisório, cujo chefe fez questão de registrar seu apoio. Getúlio Vargas não exitou em participar da despedida dos atletas e desejar-lhes boa viagem conforme registrou no seu diário particular: "compareço à bordo do Itassucé, que leva nossa representação à Olimpíada de Los Angeles. Sou recebido festivamente".⁷

Todo embandeirado, ao som de tiros de canhão, da música da banda dos fuzileiros navais e dos aplausos, gritos e urras das pessoas que foram despedir-se, o Itauecê lança-se ao mar sob o comando de oficiais da Marinha de Guerra. Cercado por pequenas embarcações, dirige-se para a saída da barra levando no coração de cada atleta o ideal de representar seu país. Soam as palavras do escritor Coelho Xetto, um aficionado do esporte, que no discurso da despedida oficial da delegação afirma: "pela Bandeira do Brasil, por nós todos, pelos nossos brios e a nossa glória, o vosso combate. Não esqueças, não rapazes, que é o Brasil, que é a Pátria, que são mais de quatro séculos de energia, de amor, de aventura, que é o Brasil que levaes nos músculos".⁸

Mas não são apenas rapazes os componentes da delegação brasileira. A bordo do Itaiquicê, carregando o nome do Brasil no coração e nos músculos, encontra-se também a nadadora paulista Maria Lenk, a primeira mulher sul-americana a participar de uma Olimpíada, conforme registrou a imprensa internacional "Lone girl in Brazil delegation, the first and only woman of the South American Continent ever to take part in Olympic Games, is 17 years old champion - swimmer - her name: MARIA LENK".⁹

Ainda que as mulheres brasileiras não tenham começado a praticar esportes apenas a partir da Olimpíada, esta é importante porque proporciona a divulgação da imagem da atleta de competição. Identificada como de natureza muito frágil, é recorrente, nesse tempo, a idéia de que à mulher correspondia mais a assistência do que a prática das atividades es-

portivas num grau competitivo. Motivo pelo qual a participação feminina nos Jogos Olímpicos foi aceita apenas no ano de 1900 em Paris, após polêmica discussão entre seus organizadores.¹⁰

No Brasil, as primeiras iniciativas de participação de mulheres em práticas esportivas podem ser observadas na segunda metade do século XIX. Até aquele momento, a estrutura extremamente conservadora da sociedade brasileira não lhes permitia grande projeção, uma vez que eram criadas pelos pais para serem futuras esposas e mães.

A partir de meados do século XIX, esse quadro começa paulatinamente a mudar. O Brasil, recém-independente de Portugal, preocupa-se em ser reconhecido pelas grandes nações do mundo e, atento aos avanços europeus, incentiva o consumo de bens e costumes importados. Junto com os ventos de mudança e inovações que vinham da Europa, chegam também os ecos das lutas femininas, que projetam novas perspectivas para as mulheres brasileiras, como, por exemplo, o cuidado com a aparência, com a saúde e com uma maior presença na vida social das cidades.

Obviamente, essa mudança foi lenta e mais significativa para as mulheres das camadas mais ricas da sociedade, visto que têm maior acesso à literatura e às novidades do continente europeu. Sendo assim, algumas mulheres passam a freqüentar bares, rodas de intelectuais e poetas, festas e eventos sociais. Nesse contexto, o esporte torna-se uma das mais abertas possibilidades de participação social feminina, já que era considerado de caráter aristocrático, familiar e saudável. Nas instalações e eventos de turfe e de remo (os primeiros esportes desenvolvidos no Brasil) as mulheres estão sempre presentes, acompanhando seus maridos e desfilando seus vestidos de última moda. Essa possibilidade de participação, mesmo que a princípio passiva, porque à mulher cabia o papel de espectadora, acabou contribuindo para lhe dar maior visibilidade na sociedade brasileira da época. De fato, já no fim do século XIX podemos observar mulheres participando ativamente como atletas nas competições, principalmente de turfe, ciclismo e atletismo.¹¹

Já no início deste século, os esportes aquáticos permitem/possibilitam outras apari-

ções públicas de mulheres atletas. O Rio de Janeiro aplaude, em 1911, a primeira prova feminina de remo, registrada pelo *Jornal Tiro e Sport*: "(...) essa regata foi levada a efeito, com grande êxito, pelo Club Regatas Boqueirão do Passeio, que n'ella registrou, com a realização da prova feminina (por sua iniciativa corrida pela primeira vez n'esta capital), a mais bella e elevada conquista feita entre nós, pelo salutar *sport* do remo."¹²

Na natação, é, em 1922, por ocasião da comemoração do Centenário da Independência, que, Violeta Coelho Neto (filha do escritor Coelho Neto) faz uma exibição pública no tanque natatório da Urca. E, posteriormente, em 1925, quando duas senhoritas, Anésia Coelho e Alice Possalo, cumprem a Travessia da Guanabara, nadando uma distância aproximada de 5 km entre a Praia da Boa Viagem e a Praia das Virtudes.

Em São Paulo, a Federação Paulista das Sociedades do Remo, fundada em 1905, desempenha um papel importante nos festivais e festas aquáticas onde começam a despontar as nadadoras. Essas pioneiras fazem a primeira aparição pública em águas paulistas no ano de 1924, quando um pequeno grupo de moças da colônia alemã participa da primeira travessia de São Paulo a nado.

Esta atitude, considerada ousada para a época, gera conflitos ao mesmo tempo que amaina preconceitos, chocando menos os familiares das nadadoras do que os espectadores em geral, conforme relata Maria Lenk: "para estas jovens as restrições encontradas em casa (...) eram menores, porque elas advinham de uma cultura tradicionalmente adepta aos cuidados com o físico e à apreciação dos encantos 'DER NATUR' (da natureza)."¹³

Os anos que sucederam a Primeira Guerra Mundial revelam uma maior participação feminina no esporte e na sociedade. Ainda que a participação do Brasil tenha sido irrelevante no conflito, seus efeitos chegaram até nós, influenciando nossa forma de ser e de se comportar.

Na sociedade européia, o pós-guerra parece ter conseguido, principalmente para as jovens, uma certa liberdade de movimentos e atitudes:

A aquisição mais evidente e mais geral parece ser a conquista de uma liberdade de atitudes e de movimento, aprendida na solidão e no exercício das responsabilidades. Desembaraçado dos entraves do espartilho, das roupas compridas e apertadas, dos chapéus incomodativos e por vezes das cuias (substituídas pelo cabelo à garçonne) o corpo feminino começa a poder mexer-se. (...) A jovem geração é a principal beneficiária desta evolução, ao mesmo tempo que, muito antes da escolaridade mista, vão se impondo gradualmente os lazeres mistos. Do mesmo modo que os homens, as mulheres sabem também que a felicidade é frágil, que mais vale renegar a moral da abstinência e da reserva e viver o dia-a-dia.¹⁴

No Brasil...

"o grande espanto e o escândalo galopante, porém, iria ocorrer, como poderia se esperar, com a mudança dos hábitos e trajes femininos. Num mundo até então polarizado quase exclusivamente em torno da figura masculina, as moças aderiram com frenético entusiasmo aos hábitos modernos e desportivos, delicias com os ares da independência e voluntariedade que eles conotavam desencadeando assim uma comoção que atravessou a década (de 20). Os tecidos leves, transparentes e colantes; a renúncia aos adereços, enchimentos, agregados de roupas brancos, perucas, armações e anquinhas; o rosto ao natural, a cabeça descoberta e os cabelos cortados extremamente curtos, quase raspados na nuca, davam às meninas uma intolerável feição masculina, agressiva, aventureira, selvagem".¹⁵

Não é apenas no campo das atividades físicas competitivas que a brasileira amplia sua participação. Os vibrantes anos do início do século são chacoalhados por diversas realizações: as agremiações, os clubes literários, as revistas femininas, os cargos em empresas públicas, os partidos feministas e até mesmo a fundação de um clube de tiro feminino, em 1908, que pretendia fazer cumprir a campanha lançada pelo Marechal Hermes da Fonseca no sentido de recrutar forças para formar a reserva do exército. Lideradas por Leonilda de Figueiredo Daltro, um pequeno grupo de mulheres da classe média urbana do Rio de Janeiro, cria a "Linha de Tiro Feminino Orsina da Fonseca" cuja contribuição, mesmo que pouco significativa, rompe os limites colocados à mulher nas atribuições patrióticas em estado de guerra que a limitava a atuar como enfermeira e na Cruz Vermelha.¹⁶

No entanto, o maior dos desafios insti-

As mulheres da classe média e alta configuram-se como as mais suscetíveis a essa experiência por que mais familiarizadas com a produção e o consumo de valores e materiais aceitos como representativos de uma vida mais moderna, esportiva e, por conseguinte, civilizada...

ruidos nesse momento refere-se ao direito de voto. Apesar de ser uma reivindicação feminina do final do século XIX, é apenas na década de 20 que o movimento ganha maior consistência, ao ponto de se tornar o maior símbolo das lutas feministas do período, especialmente a partir do retorno de uma bióloga brasileira residente em Paris, onde se graduou.

Bertha Lutz chega no Rio de Janeiro em 1919 e funda a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, mais tarde transformada em Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Assume a liderança do movimento sufragista, impulsionada por um grupo de mulheres pertencentes à elite política: físicas, dentistas e advogadas praticantes, muitas escritoras, escultoras, poetisas e pintoras, uma famosa aviadora, engenheiras civis, várias mulheres engajadas no setor químico do Departamento da Agricultura e várias mulheres muito notáveis na ciência.¹⁷

Muitas são as ações desencadeadas pelo grupo, que agita a imprensa, os espaços de decisão política e as ruas da Capital da República. O movimento vai além da conquista do voto e se propõe a mostrar que havia, no Brasil, mulheres de grande valor.

As idéias defendidas pelas sufragistas compõem um traçado de distintas reivindicações nem sempre ambicionadas por mulheres pertencentes a outros agrupamentos sociais. Em 1932, ano em que é aprovado o voto feminino, realiza-se, no Rio de Janeiro, uma enquete cujo resultado aponta que 70% das mulheres afirmam que não fariam uso do voto e, em janeiro de 1933, do total de inscritos para as eleições apenas 15% são mulheres.¹⁸

Diante da impossibilidade de analisar "a mulher do início do século", esse exemplo serve para reconhecermos a tensão entre o singular e o plural.¹⁹ Tensão que confere movimento à complexidade da vida social porque construída por mulheres diversas entre si, portadoras de variados de interesses, necessidades, vontades, desejos, sentimentos e formas de ver ao mundo e a si mesma. Mulheres diferentes porque de raças, classes, de religiões, de idades e de grupos diferentes.

Mesmo as práticas corporais e esportivas, mais visíveis que no século anterior, tra-

zem inerente a tensão do singular e do plural. Na redefinição das condutas sociais e expressivas, cresce a exibição pública dos corpos: diferentes mulheres mostram-se de diferentes formas e, sob o discurso da saúde, da beleza e da higiene - apologias que rondam as práticas femininas do início do século - gastam parte de suas energias com o cuidado corporal.

As mulheres da classe média e alta configuram-se como as mais suscetíveis a essa experiência porque mais familiarizadas com a produção e o consumo de valores e materiais aceitos como representativos de uma vida mais moderna, esportiva e, por conseguinte, civilizada. Torna-se cotidiano o investimento com a aparência pessoal e muitas delas passam a se preocupar mais com a vitalidade da pele, com os caprichos da moda, com a longevidade, com o coquetismo, com as formas harmoniosas do corpo, com a beleza e com a saúde. Espectadoras de si mesmo inserem no seu universo de afazeres a atenção para com sua imagem redimensionando suas práticas corporais.

Amparado no pensamento médico, a noção vigente do embelezamento feminino está associada à saúde e à higiene. A beleza saudável, cuja conquista depende de um esforço individual obtido pela transformação de hábitos cotidianos. Portanto, pela transformação de seus comportamentos e de seu próprio corpo.

Anuncia-se o alvorecer da mulher moderna: aquela que enfrenta os desafios dos novos tempos sem, no entanto, esquecer da preservação de suas virtudes e do cumprimento daqueles deveres que, ao longo da existência, foram-lhe designados: o cuidado com o lar e a educação dos filhos. Dessa mulher, exige-se um corpo asséptico, com vestes leves e claras, desprovido de impurezas, higienizado e ágil, e é sob a prescrição do médico e do farmacêutico que os problemas da beleza e da saúde serão solucionados. Os remédios para "peito caído", "inflamações no couro cabeludo", "estômago sujo", "gases fétidos", "azedumes", "catarros do útero", "constipações", "comichões", "anemia do rosto", entre outros serão de uso corrente nos lares mundanos.²⁰

Saúde e beleza são identificadas não mais como um dom divino, mas como uma conquista individual - um capital, um investimento, uma mercadoria, cujos produtos vão

...Torna-se cotidiano o investimento com a aparência pessoal e muitas delas passam a se preocupar mais com a vitalidade da pele, com os caprichos da moda, com a longevidade, com o coquetismo, com as formas harmoniosas do corpo, com a beleza e com a saúde. Espectadoras de si mesmo inserem no seu universo de afazeres a atenção para com sua imagem redimensionando suas práticas corporais.

crescer e se multiplicar. Cresce o consumo, cresce a produção, cresce a carência de mão-de-obra, cresce o trabalho feminino, cresce a educação do gesto, cresce a necessidade do lazer e do equilíbrio da energia física, crescem as opções corporais e esportivas, torna-se mais visível o corpo da mulher.

A essa atitude sucedem-se conflituosas reações, pois mescla-se a herança de um recente passado colonial, agrário e cristão e o devir de um futuro moderno, industrial e não menos cristão de forma a equiparar duas exigências complementares e contrapostas: a permanência da mulher no lar porque mãe e guardiã dos valores morais da família e a sua fluência na rua porque integrante de uma cidade que principiava a oferecer extraordinárias novidades de consumo e porque trabalhadora de uma sociedade que começou a separar a casa do local de trabalho.

Margareth Rago, ao estudar os códigos da sexualidade feminina em São Paulo no período de 1896 a 1930, demonstra quão visível era esse conflito de reações, colocado à mostra pela aproximação e pelo afastamento de duas imagens de mulher - a mulher moderna e a mulher prostituta.

Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às das classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesa da laboriosidade, da castidade, do esforço individual. Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, num momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho.

Às mulheres ricas, as exigências de um bom preparo e educação para o casamento, tanto quanto as preocupações estéticas, com a moda ou com a casa, reclamam sua freqüência nos novos espaços da cidade, como nas escolas então criadas para os filhos das famílias abastadas. Desde 1870, por exemplo, funda-se a Escola Americana, que daria origem ao Mackenzie College, onde uma pedagogia im-

portada dos Estados Unidos oferecia cursos de cultura física e prática esportiva às jovens. (...)

A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais, como atesta a permanência de antigos tabus como o da virgindade. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anatema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho. Todo um discurso moralista e filantrópico acena para ela, de vários pontos do social, com o perigo da prostituição e da perdição diante do menor deslize. Não é a mulher esta carne fraca, presa fácil das paixões, que sucumbe sem resistência ao olhar insistente ou aos galanteios envaidecedores do sedutor? Vários procedimentos estratégicos masculinos, acordos tácitos, segredos não confessados tentam impedir sua livre circulação nos espaços públicos ou a assimilação de práticas que o imaginário burguês situou nas fronteiras entre a liberdade e a interdição.²¹

A prática esportiva, o cuidado com a aparência, a mudança de atitude, o desnudamento do corpo, o uso de artifícios estéticos são identificados como de natureza vulgar não só por moralistas, médicos, juizes e religiosos, mas por grande parte das próprias mulheres, inclusive muitas feministas, que, como os outros, são portadores de uma rígida moral cujos preceitos denunciam, nessa atitude modernizadora, um ato de desonra.

O universo da prostituição, verdadeira fantasia a rondar as casas de boa família, suscita manifestações de toda ordem na imprensa e na literatura. Dos jornais feministas aos religiosos aconselha-se a moça desejosa de se modernizar a não perder seu juízo vulgarizando-se como as "mulheres públicas". Instituído esse temor, todo o cuidado direciona-se para a preservação de um ideal de pureza e preservação do corpo pessoal. Oswald de Andrade, nas suas memórias, recorda:

"Assisti o desnudamento do homem como da mulher no meu século. Esta coitada, até minha adolescência, esmagava o corpo entre espartilhos e barbatanas de contas ferozes. Era preciso tirar dela os últimos traços do natural. Nada de canelas à mostra, nem braços, nem começos saltitantes de seios. Tudo isso era o arsenal do demônio que atravancava o nosso

Saúde e beleza são identificadas não mais como um dom divino, mas como uma conquista individual - um capital, um investimento, uma mercadoria, cujos produtos vão crescer e se multiplicar. Cresce o consumo, cresce a produção, cresce a carência de mão-de-obra, cresce o trabalho feminino, cresce a educação do gesto, cresce a necessidade do lazer e do equilíbrio da energia física, crescem as opções corporais e esportivas, torna-se mais visível o corpo da mulher.

celestial destino. Esmagada em seu espírito, como em sua carne, espirrava dela uma mitra de cabelos muitas vezes postiços, sobre os rostos lívidos que ignoravam o batom e o rouge. Uma vida ignóbil, abençoada por padres e confessores, recobria o tumulto das reivindicações naturais que não raro estalavam em dramas crus. (...) As mulheres não podiam sequer revelar a sexualidade que todas têm.-Eram logo putas."²²

As práticas corporais e esportivas seduzem e desafiam as mulheres tanto para a exibição como para o ocultamento de seus corpos. As revistas de moda, de saúde, os semanários, os jornais, os almanaques pontuam tanto a necessidade como os impedimentos dessas práticas ao mesmo tempo que perfilam uma imagem de mulher harmônica a essa sociedade fascinante. Nas suas páginas, multiplicam-se fotos, desenhos, propagandas, artigos, notas, opiniões, sobretudo os anúncios de produtos necessários à vida que se agita e que, num átimo, confere à cidade um tom mais sensual.

É nesse contexto de urbanização e da emergência de novos valores e comportamentos que a Educação Física para as mulheres adquire maior significância social, pois passará a ser observada como capaz de educar tanto para a valorização do corpo esteticamente belo como para o aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos para enfrentar as realidades da vida modernizada, inclusive, preparando-as para uma maternidade, entendida como a função sublime de toda a mulher. E é nesse contexto, também, que as mulheres ampliarão sua participação social, forjando novos hábitos, novas formas de cuidar de si e do seu corpo.

Terreno fértil onde fecundam as práticas corporais e esportivas, as quais colaboram, imensamente, para a visibilidade da mulher nos espaços de circulação pública. A ginástica, os esportes, a dança, o contato com a natureza, os passeios ciclísticos, as caminhadas, os banho de mar desenham o elenco das novas necessidades, amenizando a identificação da exibição pública do corpo da mulher como pertencente ao universo pagão das impurezas e obscenidades.

Para finalizar, reproduzo o artigo "O esporte libertador da mulher", de autoria de Américo R. Netto, professor de História da

Educação Física da Escola Superior de Educação Física de São Paulo e publicado pela *Revista Educação Física*, em 1933:

"Foi o esporte que, realmente, modernizou a mulher.

Antes d'elle a vida ao ar livre estava praticamente vedada. Chegava a conhece-la de longe em longe, é certo, mas só em ocasiões em que os homens cuidadosamente preparavam. E restringiam.

Às vezes a mulher sahia um pouco. Viajava até, uma vez por outra, quasi sempre por estricte necessidade, mas o ar livre estava para ella praticamente vedado. E quando nelle se movia era muito mais para ver e admirar os homens do que mesmo para agir por si, sósinha.

Hoje, porém... Tudo mudou. O esporte chamou a mulher para o ar e para o sol. E também para a agua, esta irmã gêmea do exercicio.

Desmente-se, assim, a secular legenda do sexo que para ser bello devia ser débil, necessariamente. Depois das travessia da Mancha em tempo recorde, depois de notáveis proezas automobilísticas nas grandes pistas europeas e norte-americanas, depois da travessia aérea de oceanos e continentes, a mulher já não aspira apenas egualar-se ao homem. Quer fazer mais do que elle. E muitas vezes o tem conseguido, agora mesmo o está alcançando.

O convívio dos sexos, na surdina commovente dos salões em penumbra, vitalisa-se hoje ao sol claro e ao vento forte da vida a céu aberto. A mulher esportiva não deixou de ser a Companhia, tradicionalmente deslumbrada com o relato de feitos masculinos, mais ou menos impressionantes. Ella vae além. Muito além disso. É também, e principalmente, a Rival, não raro bem sucedida. Graças aos esportes, ella toma o seu quinhão - e que farto quinhão! - na grande vida das actividades physicas.

Os hábitos novos estão fazendo uma gente também nova. A languidez, tão cara aos românticos, já não existe, quasi. A saúde affirma-se. A vitalidade triumpha. Não há mais lentidões, temores nem desfallecimentos, agora que a mulher aprendeu a empunhar o volante do automóvel e do aeroplano, embriagando-se com a velocidade das machinas de correr, ouvindo e entendendo o rythmo Z-bemól dos seus motores. Ella vive hoje mais e melhor poque sente e vibra num rythmo mais rápido, mais largo também.

As pernas, ciosamente encerradas nas crinolinas

A prática esportiva, o cuidado com a aparência, a mudança de atitude, o desnudamento do corpo, o uso de artifícios estéticos são identificados como de natureza vulgar não só por moralistas, médicos, juizes e religiosos, mas por grande parte das próprias mulheres, inclusive muitas feministas, que, como os outros, são portadores de uma rígida moral cujos preceitos denunciam, nessa atitude modernizadora, um ato de desonra.

das saias-balão, emanciparam-se afinal. E apareceram! A indumentaria simplificou-se, aligeirando-se. E o vestuário ahi está evoluindo para um verdadeiro "despiário", no qual os clássicos segredos da anatomia feminina surgem á liuz crua do sol ou se entremostrom em transparencias reveladoras. Enquanto a mulher descobre, pelo menos, braços e pernas e collo, o homem ainda mantém o atrazo da sua esthetica de cylindros, em que se enrolam no pescoço, no tronco, nas pernas, custando a seguir o exemplo que tanto o encanta, o perturba e deslumbra...

Esportes femininos... Quasi que não existem mais. A mulher já entrou bem decidida, no que os homens guardavam especialmente para elles. Não respeita mais privilégios nem exclusividades. Bem comprehende e sabe que a energia humana é, antes de tudo, força nervosa. E como a possua mais subtil e aguda, com ella quer triumphar. Deseja - e toma - os melhores lugares, ás vezes os primeiros.

Fazendo-o, nada perde do seu encanto fundamental. E assim se explica o commovido assombro com que os homens do nosso tempo são forçados a considera-la: - creatura nova de um tempo que, si não é de todo novo, resulta, pelo menos, bem differente.²³

Como atributo desse novo tempo, as práticas corporais e esportivas registram com elegância e beleza o esforço de mulheres alegres, saudáveis, empreendedoras, graciosas, audazes e sedutoras. Mulheres fascinantes de uma sociedade que fascina e que, simultaneamente, desnuda/oculta, liberta/controla esse corpo que se oferece e é oferecido ao olhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão sob as ordens de mamãe*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974.
- CATT, Carrie C. *Busy women in Brazil The women citizen*. New York: New York Public Library , 1923.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1981.
- HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LENK, Maria. *Bragadas e abraços*. Rio de Janeiro: Bradesco, 1982.

NETTO, Américo. Esporte libertador da mulher. *Revista Educação Physica*, n. 10, p. 23-24 e 92. Jun. 1993.

PAÇO, Villar de. Os desportos no Rio - A "season" de 1912. *O tiro e sport no Brazil*. 492; 15/05/ 1912 Lisboa, 1912.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SANT'ANNA, Denise B. de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário Volume II*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

THÉBAUD, Françoise. A grande guerra: o triunfo da divisão sexual. In: ARIES, Phillippe e DUBY, Georges. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Jornais

- A Noite*, 25 de janeiro 1933 *Folha de São Paulo*, 07/07/1996, p. 2-3. *Los Angeles Times*, 27 de julho de 1932. *O Estado de São Paulo*, 01/01/1919, p. 9 *O Estado de São Paulo*, 6/12/1919, p. 6

NOTAS

¹Eric Hobsbawn, *A era dos externos*, p. 16.

²N/a "Sports - educação physica. *O Estado de São Paulo*. 6/12/1919, p. 6.

³Nicolau Sevcenko. *Orfeu estático na metrópole. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*, p. 33.

⁴Villar de Paço. *Tiro e Sport*, 15/01/1912.

⁵N. Elias e E. Dunning, *A busca da excitação*, p. 322-323.

⁶N/a Sports - *O Estado de São Paulo*. 01/01/1919

⁷Getúlio Vargas: *Diário*, p. 112.

⁸Maria Lenk, *Braçadas e Abraços*, p. 29-30.

⁹Los Angeles Times, 27 de julho de 1932.

¹⁰Em Paris (1900), participaram 11 mulheres apenas nas modalidades de golfe e tênis. Em Saint Louis

1904), foram seis as participantes, todas no arco e flecha. Em Londres (1908), somaram o número de 56 a disputar o arco e flecha, o iatismo, a patinação e o tênis. Em Estocolmo (1912), dos 2.548 atletas inscritos, 57 eram mulheres. A natação feminina foi admitida nesses jogos, medida que causou reação de grupos conservadores que fizeram protestos públicos chamando as atletas de "mulheres sem moral". Na Antuérpia (1920), foram 64 as participantes; em Paris (1924), 136 e em Amsterdã (1928), eram 290, representando pela primeira vez o percentual de 10% em relação ao número de atletas homens. *Atlas olímpico*, Todos os jogos da era moderna, p. 125.

¹¹Carlos F. Cuha Júnior, Helena Altmann, Silvana Goellner e Victor A de Melo, "Women and sports in Brazil", texto que faz parte da "International Encyclopedia of Women and Sport", organizada por Karen Christensen a ser publicado em 1999 pela Editora Macmillan (USA).

¹²Villar de Paço, *O Tiro e Sport no Brazil Os desportos no Rio - A "season" de 1912*, p. 2, 1912.

¹³M. Lenk, op.cit. p. 17

¹⁴Françoise Thébaud, *A grande guerra: o triunfo da divisão sexual*, p. 84.

¹⁵Nicolau Sevckenko, op. cit., p. 45.

¹⁶Junes Hahner. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*, p. 95

¹⁷Carrie Catt, *Busy women in Brazil, The Woman Citizen*, 24 de março de 1923.

¹⁸Jornal *A Noite*, 25 de janeiro de 1933.

¹⁹Singular e plural referem-se neste contexto à idéia de que impossível utilizar o substantivo singular feminino mulher porque ele hegemoniza a análise de algo que é plural. Isto é, são mulheres que se diferem entre si.

²⁰Sant'Anna, Denise B. *Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil*,¹ 122-123.

²¹Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*, p.62-64

²²Oswald de Andrade, *Um homem sem profissão, sob as ordens da mãe*, p. 55.

²³*Revista Educação Physica*, n.10, junho de 1933, p. 23-24 e 92.

UNITERMOS

História da educação física e dos esportes; mulher; corpo feminino.

*Silvana Vilodre Goellner é professora Ms. Assistente do Departamento de Desportos da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.